

“Institucionalismo Feminista”: As críticas de Charlotte Perkins Gilman aos dualismos de gênero

Maríndia Brites¹

Solange Regina Marin²

RESUMO: Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) foi uma das sociólogas, economistas e feministas mais influentes dos Estados Unidos no final no século XIX e início do século XX. Contudo, até recentemente, o reconhecimento de sua contribuição como economista tem sido limitado, sem refletir a totalidade da sua obra. Este artigo tem como objetivo ressaltar a contribuição pioneira de Gilman para o Institucionalismo Feminista, com ênfase em suas críticas aos dualismos de gênero. O estudo aborda três aspectos fundamentais em sua obra: (i) o conceito de gênero como uma instituição social; (ii) a concepção de “lar” como uma instituição arcaica e que necessita ser reestruturada; e (iii) a visão de Gilman sobre o progresso e a mudança institucional. Ao resgatar a relevância de sua obra, este artigo busca romper com o androcentrismo predominante na disciplina e reposicionar suas ideias dentro do contexto do pensamento institucionalista-feminista.

Palavras-chave: Charlotte Perkins Gilman. Institucionalismo Feminista. Dualismos. HPE e Mulheres.

ABSTRACT: Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) was one of the most influential sociologists, economists, and feminists in the United States during the late 19th and early 20th centuries. However, until recently, the recognition of her contribution as an economist has been limited, failing to reflect the entirety of her work. This article aims to highlight Gilman’s pioneering contribution to Feminist Institutionalism, with a focus on her critiques of gender dualisms. The study addresses three key aspects of her work: (i) the concept of gender as a social institution; (ii) the conception of the "home" as an archaic institution that needs restructuring; and (iii) Gilman’s view on progress and institutional change. By restoring the relevance of her work, this article seeks to challenge the prevailing androcentrism in the discipline and reposition her ideas within the context of feminist-institutionalist thought.

Keywords: Charlotte Perkins Gilman. Feminist Institutionalism. Dualisms. History of Economic Thought and Women.

Classificação JEL: B15; B52.

Área 9. Economia Institucional Original

1. INTRODUÇÃO

Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) destacou-se como uma das feministas mais influentes dos Estados Unidos no final no século XIX e início do século XX, com uma trajetória intelectual diversificada e prolífica. Sua vasta produção literária, que inclui panfletos, poemas, estudos em

¹ Professora do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: marindia.brites@ufpr.br

² Professora do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: solange.marin@ufsc.br

ciências sociais, romances, uma autobiografia e numerosos artigos em revistas, permaneceu negligenciada desde sua morte em 1935 até sua redescoberta pelo historiador Carl Degler em 1956 (Dimand, 2000; Degler, 1956).

A diversidade de suas publicações reflete uma ampla gama de temas. Entre as feministas, Gilman é reconhecida principalmente por sua ficção, que explora a posição das mulheres na sociedade americana na virada do século XIX para o XX, e por suas ideias feministas e sociais voltadas para a mudança social. Os cientistas sociais feministas, por sua vez, têm se debruçado sobre sua não ficção, especialmente as análises institucionais presentes em *Women and Economics* (1898) e *The Home: Its Work and Influence* (1903) (Dimand, 1995; Staveren, 2003). Essas obras destacam como as instituições econômicas restringem as mulheres.

A abordagem institucional de Gilman frequentemente a coloca em comparação com seu contemporâneo Thorstein Veblen (1857-1929), precursor da Economia Institucional Original (EIO). Sinclair (1956), historiador do movimento das mulheres, referiu-se a Gilman como "o Veblen do movimento", observando que *Women and Economics* foi publicado apenas um ano antes da obra seminal de Veblen, *A Teoria da Classe Ociosa* (1899b). Ambos abordaram a posição econômica e social das mulheres, embora com ênfases e reconhecimentos distintos (Sinclair, 1956; Gilman, N., 1999). Gilman e Veblen não só compartilharam interesses teóricos, como também se conheceram pessoalmente. Gilman reconheceu e recomendou o trabalho de Veblen alegando que era "*illuminated by the most brilliant penetrating satire I ever saw*" [Gilman, apud Dorfman 1934, p. 196]. Veblen, por sua vez, apreciava o trabalho de Gilman quando seu amigo Edward A. Ross o apresentou a ele (Dimand, 1995). No entanto, enquanto a obra de Veblen permaneceu continuamente publicada e reconhecida entre os economistas, grande parte da obra de Gilman, que inclui mais de 2000 publicações, ficou marginalizada, exceto por sua semi-autobiografia *O Papel de Parede Amarelo* (1892) (Dimand, 1995; Hill, 2011).

Até hoje, o tratamento dado à Gilman como economista não faz jus à totalidade de sua obra.³ No início da década de 1970, surgiu o "Institucionalismo Feminista", um alinhamento metodológico e epistemológico entre a EIO e a teoria feminista, que explora perspectivas contemporâneas sobre o papel das mulheres. Muitos dos argumentos feministas de Veblen permanecem consistentes com a teoria feminista contemporânea, e ele é amplamente considerado um precursor do Institucionalismo Feminista. No entanto, a história da literatura econômica geralmente não cita Gilman como uma precursora. As exceções são Waller & Wrenn (2021), que destacam o desenvolvimento paralelo da economia feminista e da EIO nos escritos de Veblen e Gilman sobre a evolução dos papéis e comportamentos das mulheres nas economias industriais modernas, e Gilman, N. (1999), que lembra

³ O'Donnell (1994, 1996) e Sheth and Prasch (1996) interpretam Gilman como economista social.

que Gilman abordou o papel da sexualidade, incluindo a escravidão sexual, tópico não discutido por Veblen.

Diante disso, o objetivo deste artigo é duplo. Primeiro, pretende lançar luz sobre Gilman como uma economista significativa do final do século XIX, cuja importância foi obscurecida pela história do pensamento econômico. Drucilla & Kuiper (2003), Kuiper (2022) e Pujol (2003) destacam a importância de ampliar os horizontes da história do pensamento econômico, com um foco especial nas contribuições de diversas mulheres, cujas trajetórias foram sistematicamente silenciadas ao longo dos séculos de estudo e desenvolvimento da Economia. Segundo, visa fornecer um relato mais amplo das contribuições de Gilman no contexto do Institucionalismo Feminista. Ao enfatizar as relações entre instituições e gênero, este artigo busca reposicionar Gilman como precursora do Institucionalismo Feminista, ao lado de Veblen.

Para cumprir esse propósito, este artigo é estruturado da seguinte forma: a próxima seção apresenta uma breve descrição teórica do Institucionalismo Feminista e a crítica feminista e institucionalista aos dualismos. Na terceira seção, é analisada a abordagem teórica e as críticas de Gilman aos dualismos de seu tempo, especialmente a esfera privada do lar. Na quarta seção são discutidas as reflexões de Gilman sobre a mudança institucional do lar e o progresso. Finalmente, na quinta seção, são apresentadas algumas considerações.

2. INSTITUCIONALISMO FEMINISTA

Thorstein Veblen (1857–1929), embora não tenha focado especificamente nas questões de gênero, incorporou em seus escritos argumentos feministas e observações sobre o papel das mulheres na sociedade, na economia e na cultura de consumo (Veblen 2003 [1894]; 2003 [1899a]; 1934 [1899b]). De acordo com Waddoups e Tilman (1992), esses escritos são considerados um ponto de partida para o desenvolvimento de uma economia feminista institucional⁴.

Apesar dos escritos de Veblen serem do final do século XIX e início do século XX, foi apenas na década de 1970 que a EIO começou a resgatar o interesse e a alinhar-se com a teoria feminista (Miller, 1972). Esse alinhamento, tanto metodológico quanto epistemológico, deu origem ao “Institucionalismo Feminista”. Essa abordagem feminista-institucional tem explorado perspectivas contemporâneas sobre o papel das mulheres. Notavelmente, a principal área de concordância entre os estudos da EIO e a pesquisa feminista, que caracteriza o Institucionalismo Feminista, reside na crítica ao dualismo público-privado.

⁴ Nils (1999) e Hall; Luz (2020) argumentam que Veblen pode ser entendido como feminista.

O institucionalismo e o feminismo compartilham fundamentos metodológicos e epistemológicos não cartesianos, reconhecendo que o conhecimento é socialmente construído e moldado por contextos culturais. Ambos refutam o paradigma predominante no discurso intelectual ocidental do dualismo mente/corpo, que separa a razão e a objetividade da irracionalidade e subjetividade (Waller & Jennings, 1990; Jennings, 1993).

Apesar de algumas incompatibilidades, os escritos institucionalistas e feministas rejeitam dualismos, particularmente aqueles baseados em distinções público-privado. O institucionalismo rejeita a noção de que certos comportamentos humanos são inerentemente privados e não são afetados por normas e valores culturais. O feminismo destaca que o que é considerado privado, visto como desconectado da vida social, é, na verdade, uma parte integrante da subordinação das mulheres dentro da cultura (Waller & Jennings, 1990; Jennings, 1993).

Do ponto de vista do Institucionalismo Feminista, esse dualismo assumiu várias formas durante o século XIX, dando origem a dicotomias adicionais, como economia (de mercado) *versus* família, homem *versus* mulher, racional *versus* emocional, mente *versus* corpo, independente *versus* dependente, entre outras. Tais dicotomias priorizam um lado do dualismo e desvalorizam o outro lado, elevando as atividades “econômicas” sobre as outras esferas da vida (Waller & Jennings, 1991). É precisamente a associação das mulheres com a esfera familiar e dos homens com a economia de mercado que forma a distinção de gênero, relegando as mulheres ao *status* de dependentes e agentes não econômicos dentro da família, sem acesso a renda e poder (Waddoups & Tilman, 1992; Jennings, 1993).

Diante disso, esses autores referenciam a exploração de Veblen sobre as origens desses dualismos, teorizando que as mulheres foram inicialmente consideradas propriedade e, conseqüentemente, confinadas à esfera privada do lar. Gilman, contemporânea de Veblen, desenvolveu sua própria teoria institucionalista-feminista, embora sua contribuição tenha sido obscurecida pela história do pensamento econômico. A próxima seção busca reestabelecer as ideias de Gilman dentro do Institucionalismo Feminista.

3. GILMAN E AS CRÍTICAS AOS DUALISMOS DE GÊNERO

3.1 O gênero como uma instituição social

Para Gilman (2021 [1898]), além de serem afetados pelo clima e pela localização, bem como pelas forças físicas, químicas e elétricas, os indivíduos estão sob a influência de outras condições específicas ao *status* humano: as condições sociais, ou seja, as instituições sociais. Entre essas instituições, as condições econômicas são destacadas, pois os processos de satisfação das necessidades econômicas

são os mais frequentemente utilizados pelos indivíduos. Diante disso, Gilman (2021 [1898]) identifica uma condição econômica marcante e peculiar que afeta exclusivamente a raça humana: somos a única espécie em que a fêmea depende do macho para se alimentar, e onde a relação sexual está intrinsecamente relacionada com a relação econômica. Isso cria uma situação em que o *status* econômico da mulher é dependente economicamente do homem: “*men produce and distribute wealth; and women receive it at their hands*” (Gilman, 2021 [1898], p. 13).

Diante desse cenário, o progresso econômico é quase exclusivamente masculino, e a remoção dos trabalhadores homens paralisaria qualquer comunidade economicamente em um grau muito maior do que a remoção das trabalhadoras mulheres. Gilman (2021 [1898]) argumenta que o trabalho realizado pelas mulheres, vinculado quase que exclusivamente ao lar, poderia ser feito pelos homens, mas os trabalhos realizados pelos homens não poderiam ser executados tão bem pelas mulheres devido ao seu menor grau de desenvolvimento econômico.

Essa situação resulta da condição econômica das mulheres, consequência da cultura androcêntrica - um conceito desenvolvido pelo sociólogo e darwinista social Lester Ward (1841-1913), que influenciou os escritos de Gilman.⁵ Por cultura androcêntrica, Gilman (2020 [1911]) refere-se a um sistema de conceitos moldado pelos interesses e experiências dos homens, que afeta a vida da humanidade pela dominação do sexo masculino. As mulheres não conseguem assumir as posições e os trabalhos desempenhados pelos homens no mercado de trabalho, não por incapacidade física ou deficiência inerente ao sexo, mas devido a questões institucionais. Nesse ponto, Gilman antecipa a distinção que a teoria feminista faz entre as categorias “sexo” e “gênero”.⁶ De acordo com Hausman (1998), Gilman fazia uma distinção entre “sexo” e “gênero” de uma maneira que não envolvia uma separação semântica entre diferenças sexuais culturais e mutáveis, e aquelas naturais, imutáveis. No entanto, ela diferenciava claramente os papéis de gênero, enquanto construção social, das funções biológicas do sexo. Ou seja, embora Gilman não tenha usado as palavras “gênero” e “sexo” com as conotações semânticas atuais, ela entendia o sexo como uma questão biológica e o gênero como uma instituição social.

O argumento central de Gilman (2021 [1898]) é que a espécie humana possui uma característica antinatural: a distinção sexual é levada a um grau excessivo, sem relação com as necessidades biológicas do organismo. Os sexos da espécie humana são diferenciados a níveis que superam as diferenças biológicas, resultando em uma distinção tão acentuada e mórbida que retarda a diferenciação entre raças, impede a individualidade e prejudica a humanidade. Embora reconheça que

⁵ O termo “androcentrismo” foi adotado por Gilman em um discurso de 1903 (Finlay, 1999).

⁶ De acordo com Nelson (1994), “sexo” refere-se às diferenças biológicas entre homens e mulheres, enquanto gênero refere-se às associações, estereótipos e padrões sociais que uma cultura constrói com base nas diferenças reais ou percebidas entre homens e mulheres.

há diferenças biológicas entre homens e mulheres, Gilman argumenta que homens e mulheres deveriam desempenhar as mesmas funções sociais e se desenvolver igualmente.

Because of the economic dependence of the human female on her mate, she is modified to sex to an excessive degree. This excessive modification she transmits to her children; and so is steadily implanted in the human constitution the morbid tendency to excess in this relation, which has acted so universally upon us in all ages, in spite of our best efforts to restrain it. It is not the normal sex-tendency, common to all creatures, but an abnormal sex-tendency, produced and maintained by the abnormal economic relation which makes one sex get its living from the other by the exercise of sex-functions (Gilman, 2021 [1898]), p. 28).

Todas as esferas de produção e distribuição econômica, incluindo indústrias, artesanato, desenvolvimento científico, governo, religião e demais instituições, são contaminadas e diferenciadas em função do sexo. Gilman (2021 [1898]) argumenta que educação, governo, ações e distribuição não são funções sexuais, mas sim funções raciais. A excessiva distinção sexual na espécie humana afeta principalmente as mulheres, excluindo-as das atividades desempenhadas pelos homens e rotulando tudo como “masculino” e “feminino”. Enquanto o campo do progresso humano tem sido considerado uma prerrogativa masculina, as mulheres permanecem confinadas às atividades consideradas “femininas”. O *status* da mulher é amplamente aceito pela sociedade como sendo unicamente sexual.

A relação sexual-econômica é, portanto, uma instituição social originada em eras pré-históricas e que prevaleceu em vários graus entre todas as comunidades. Ela influencia o indivíduo desde o nascimento, impondo um comportamento que o senso comum e as crenças sociais consideraram como “correto”. Em outras palavras, as pessoas não conseguem enxergar além dessas instituições (Gilman, 2021[1898]).

Gilman (2021[1898]), assim como Veblen (1934[1899b]), esclarece que na selvageria primitiva, homens e mulheres eram comparáveis a outros animais. Ambos exibiam força, ferocidade e vivacidade, e a mulher era tão ágil e feroz quanto o homem, exceto pela agressividade adicional dos machos durante a competição sexual. Nesse contexto, a mulher percorria livremente as florestas, obtendo alimento para si com a mesma liberdade que o homem. O trabalho de homens e mulheres era igualmente indispensável para a sobrevivência da comunidade. Em determinado momento, para Gilman (2021[1898]), surgiu a percepção na inteligência emergente desses seres selvagens de que seria mais vantajoso dominar uma fêmea menor do que competir incessantemente com machos maiores. Assim, instituiu-se o costume de subjugação da mulher, que perdeu sua liberdade e capacidade de prover alimento para si e seus filhos de forma independente. Esse processo marcou o início de uma transformação significativa nas relações de gênero e nas estruturas sociais das comunidades humanas, levando à institucionalização de práticas de dominação masculina e à desvalorização da autonomia feminina.

XVIII Encontro da AKB, UFPR, 2025

O que teve início na selvageria primitiva perpetuou-se em todas as nações: cada criança, seja menino ou menina, nascia nesse contexto, era educada dentro dele e vivia conforme suas normas. Além disso, a instituição da distinção de gênero é reforçada e controlada por outras instituições, como o direito e a religião. Apesar da evolução da sociedade e da economia, o papel das mulheres permaneceu quase inalterado no tempo de Gilman (2021[1898]), continuando a ser marcado pela subjugação e opressão feminina.

As novas formas de opressão são representadas por Gilman (2021[1898] 2002 [1915]) nas peças de vestuário cuja principal função não é “vestir”, mas anunciar o sexo: uma tendência à ornamentação que evidencia a energia sexual. O corpo feminino, modificado para acentuar características sexuais, fica gravemente privado de suas atividades naturais. Suas maneiras e comportamentos são totalmente sintonizados com as vantagens sexuais, frequentemente em detrimento de qualquer ganho humano. A instituição da religião, que inicialmente incluía a participação das mulheres, também recebeu críticas de Gilman (2021[1898]): à medida que a religião se desenvolveu, o espaço para mulheres diminuiu, tornando-se um domínio exclusivamente masculino em algumas nações.

Essas observações de Gilman mostram sua proximidade teórica com o pensamento de Veblen. Veblen ([1899b] 1934; [1894] 2003) exemplificou o consumo indireto no contexto do vestuário e da moda: a função principal do vestuário não era a ornamentação ou a elevação do *status* de quem o usa, mas sim demonstrar indiretamente a capacidade de pagamento do proprietário. Ele também denunciou que qualquer função sem reconhecimento social, como o trabalho das mulheres, era considerada de pouca importância, enquanto atividades honoríficas, associadas a guerras, esportes, religiões e competições, eram altamente valorizadas e reconhecidas socialmente. Nesse contexto, o trabalho das mulheres, por ser visto como leve, mundano e rotineiro, era desvalorizado. Assim, além da exclusão do mercado de trabalho, as mulheres também foram marginalizadas de posições "honoríficas", que eram reservadas exclusivamente aos homens.

Em suma, Gilman não apenas desafiou os valores predominantes de sua época, mas também rejeitou as normas sociais que limitavam as mulheres a papéis restritos ao lar e à família, treinando-as para serem donas de casa e dependentes passivas dentro do sistema econômico. Uma das críticas centrais de Gilman está direcionada aos dualismos, como o público *versus* privado, que serviam para legitimar a exclusão das mulheres da esfera pública. Ela argumentava que essa separação artificial e arbitrária entre os dois domínios não apenas limitava as mulheres, mas também reforçava a ideia de que o espaço público era um domínio exclusivo dos homens, enquanto as mulheres eram confinadas ao privado. Esse dualismo contribuiu para a construção social do gênero, colocando as mulheres em posições de subordinação e exclusão. Entre as principais instituições criticadas por Gilman está o “lar” norte-americano, abordado na próxima seção.

3.2 O “lar” como instituição mitológica

Gilman criticou severamente a instituição do lar norte-americano, considerada a mais sagrada das instituições, em sua busca para libertar o sexo feminino (Sinclair, 1965). Lergermann & Niebrugge (2019) esclarecem que Gilman via o lar como uma instituição arcaica, pouco qualificada e desorganizada que corrompia não apenas a vida das mulheres, mas a saúde, a economia, o casamento e o desenvolvimento das virtudes dos jovens.

A visão de Gilman sobre o lar norte-americano reflete suas críticas à relação sexual-econômica, que envolve a dinâmica entre gênero e trabalho, e à cultura androcêntrica, que trata relação entre gênero e cultura. Essas duas instituições produzem falsos conceitos de sociedade e mitos, posicionando o homem como senhor e a mulher como subordinada. Ambas – a relação sexual-econômica e a cultura androcêntrica – impõem uma separação permanentemente entre as esferas de atividade masculina, pública e progressista, e a feminina, privada e antiquada, representada simbolicamente pelo lar (Lergermann & Neibreggue, 2019).

Gilman considera essa separação um conceito falso, argumentando que não existe um mundo privado puro, nem um mundo público que não seja afetado – ou contaminado – pelas falhas do mundo privado. Gilman (2021 [1898], p. 41) criticava duramente essa visão, que se manifestava em expressões como: “*“A woman should leave her home but three times - when she is christened, when she is married, and when she is buried.” Or this: ‘The woman, the cat, and the chimney should never leave the house’*”. Tais expressões refletiam as instituições que restringiam as mulheres ao espaço doméstico, limitando sua liberdade e participação ativa na sociedade.

Esse cenário é particularmente evidente no contexto histórico do século XIX. De acordo com Waller & Jennings (1991), a doutrina das “esferas separadas” durante esse período, juntamente com o “culto do doméstico” e o “culto da verdadeira feminilidade”, codificaram os significados de gênero da divisão entre economia e família, reforçando ainda mais a concepção de que o papel da mulher estava limitado ao lar, enquanto os homens eram associados ao progresso e à esfera pública.⁷

No entanto, mesmo antes da Guerra Civil (1861-1865), algumas mulheres começaram a se incomodar com as restrições impostas pela “esfera feminina” e com a suposição de que a natureza as havia destinado a viver como dependentes e auxiliares, focadas no desenvolvimento e realização individual dos homens. A insatisfação das mulheres foi acentuada pelas novas oportunidades que surgiram com a expansão pós-Guerra Civil, juntamente com a mobilização das próprias mulheres em

⁷ O “culto da domesticidade” e o “culto da verdadeira feminilidade” reforçavam a ideia de que o lar representava um domínio exclusivamente feminino, no qual as mulheres eram vistas como as guardiãs naturais da moralidade, da decência e de quatro virtudes essenciais: devoção, pureza, submissão e domesticidade. As mulheres desempenhavam o papel de provedoras de conforto para a família. Estas concepções, paradoxalmente, foram representadas pela tia-avó de Gilman, Catharine Beecher (Lergermann; Neibreggue, 2019; Vallet, 2023; Matthews, 1987).

busca de maior participação na esfera pública. Muitas dessas oportunidades estavam relacionadas ao rápido crescimento das cidades americanas e ao desenvolvimento industrial e urbano, como a criação de lojas de departamento, o aprimoramento do transporte público e da iluminação, além da ascensão feminina nas artes, em palestras e no jornalismo. Esses fatores desempenharam um papel crucial na conquista de uma maior presença das mulheres nos espaços públicos (Matthews, 2003).

Segundo Lergermann & Neibreggue (2019), foi durante esse período de intenso debate sobre a natureza e o papel das mulheres na sociedade que Gilman amadureceu suas ideias sobre a economia do lar. Além disso, Gilman reconfigura a instituição do lar como um reflexo do surgimento da “Nova Mulher” - termo cunhado para caracterizar a nova geração de mulheres que começaram a ingressar na vida adulta a partir da década de 1890 (Vallet, 2023). Esse novo ideal feminino concentrou-se principalmente na emancipação total das mulheres em relação as expectativas e convenções sociais impostas pelas instituições arcaicas. A característica mais importante da “Nova Mulher” foi a afirmação do seu direito, não somente na educação ou em um emprego fora do lar, mas a criação de uma identidade para si mesmas que abrangesse não apenas a maternidade ou o lar, mas suas necessidades pessoais e seus interesses econômicos e políticos (Richardson & Willis, 2001; Cruea, 2005).

Gilman (2021 [1898]; 1903) propõe uma reestruturação da concepção socialmente construída do lar e do papel doméstico das mulheres. O lar americano, tradicionalmente reconhecido na mitologia coletiva como um espaço de desenvolvimento, proteção e acolhimento onde as mulheres supostamente poderiam florescer, é, na realidade, um lugar marcado pela ineficiência e pela ignorância que permeiam o trabalho doméstico. Daflon & Sorj (2021) estabelecem que, em um período de rápidas transformações sociais que permitia a especialização e o cultivo de interesses dos homens, Gilman percebia que a vida doméstica impedia as mulheres desenvolverem sua própria individualidade.

Segundo Gilman (1903), o lar é permeado por mitos. O primeiro é ideia de que o lar oferece privacidade. Gilman define privacidade como a reclusão “decente” do indivíduo, onde ele pode agir livremente, sem ser impedido, observado ou criticado. No entanto, para a autora, o lar não proporciona essa privacidade, especialmente para a mulher que é mãe. Outro mito doméstico é a sacralidade do lar, que é considerado um espaço inviolável e especial, onde a mulher desempenha um papel quase sagrado. O terceiro mito refere-se à “economia” do lar, onde há uma divisão tradicional dos papéis: o homem é visto como o provedor, responsável por ganhar o dinheiro, enquanto a mulher é encarregada de poupar e administrar os recursos. Para Gilman (1903), isso é um mito porque esse arranjo resulta em mais custos financeiros para os homens e mais trabalho para as mulheres, ou seja, mais tempo e esforço de ambos. Além disso, metade do tempo e da força de trabalho do mundo,

realizado por mulheres, é vista como não econômica, o que distorce a verdadeira contribuição das mulheres na economia doméstica.

No seu entender, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, realizados no lar, eram socialmente reconhecidos como parte do dever funcional das mulheres, não como uma ocupação econômica. Nesse contexto, o trabalho feminino era permitido desde que restrito à esfera doméstica, realizado em privado e de forma isolada. Como Gilman (2021 [1898], p. 42) afirma: *“To work with her own hands, for nothing, in direct body-service to her own family - this has been permitted - yes, compelled. But to be and do anything further from this she has been forbidden”*.

Esses trabalhos, embora não sejam realizados para benefício próprio, têm como objetivo aumentar a produtividade do homem. Gilman (2021 [1898], p. 12) observa: *“Their labor is the property of another: they work under another will; and what they receive depends not on their labor, but on the power and will of another”*. Embora as mulheres não sejam consideradas produtoras diretas de riqueza, elas desempenham um papel fundamental nos processos finais de preparação e distribuição dessa riqueza. Assim, para Gilman (2021 [1898]), o trabalho doméstico possui valor econômico, pois possibilita que outros - os homens - produzam mais riqueza do que conseguiriam isoladamente.

Mais do que isso, Gilman (1903) argumentava que a instituição do lar não se desenvolveu na mesma proporção que outras instituições, tornando-se inadequada às mudanças sociais de sua época. Primeiramente, porque restringe as mulheres a um espaço limitado de expressão. Em segundo, porque, a indústria teve suas origens no ambiente doméstico e foi iniciada por mulheres, mas, em uma comunidade industrial moderna, não fazia sentido manter essas atividades confinadas ao lar. A indústria doméstica, na época de Gilman, não era considerada um trabalho qualificado e carecia de qualquer tipo de melhoria pública. As donas de casa eram vistas como subordinadas e destinadas exclusivamente a atender aos gostos e hábitos da família.

Ao considerar o trabalho da mulher no lar como essencialmente feminino, incorremos no erro de ignorar que o trabalho é, antes de tudo, uma atividade humana. Para Gilman (2021 [1898]; 1903) o trabalho não deveria ser atrelado ao gênero, pois sua natureza é intrinsecamente humana. Ao criticar o confinamento das mulheres ao espaço doméstico, a autora defende que as tarefas realizadas no lar deveriam ser transferidas para o mercado, onde poderiam se beneficiar da especialização e profissionalização. Como exemplo, Gilman (2021 [1898]) destaca que o crescimento das indústrias ocorre de maneiras desiguais: enquanto ambos produzem pão, a cozinheira doméstica não alcança o mesmo nível de especialização e eficiência que o padeiro industrial.

De acordo com Degler (1956) e Daflon & Sorj (2021), influenciada pelas teorias da evolução e do progresso da virada dos séculos, Gilman questionava porque a esfera privada e o trabalho doméstico não estavam sendo especializados no mesmo ritmo que a esfera pública e o mercado de

trabalho. A especialização e organização, bases do progresso humano de acordo com Gilman (2021 [1898]), seriam as mudanças mais benéficas do século para o progresso das mulheres. O verdadeiro significado de “humanidade” transcende os elementos conflitantes de feminilidade e masculinidade presentes nos dualismos de gênero.

4. MUDANÇA INSTITUCIONAL E PROGRESSO

De acordo com Degler (1956), embora Gilman estivesse profundamente envolvida com as causas feministas e defendesse o sufrágio feminino em todos os estados americanos, ela acreditava que o verdadeiro progresso para mulheres dependeria de mudanças nas instituições.

It is not only in the four States where full suffrage is exercised by both sexes, nor in the twenty-four where partial suffrage is given to women, that we are to count progress; but in the changes legal and social, mental and physical, which mark the advance of the mother of the world toward her full place (Gilman, 2021 [1898], p. 82).

Como uma destacada teórica feminista, há um consenso na literatura de que Gilman adotou o darwinismo reformista de Lester Ward (Allen, 2004; Vallet, 2023). Segundo Vallet (2023), o evolucionismo social de Gilman baseava-se na crença de que a sociedade é um organismo social que se transforma através de diferentes estágios, onde o progresso é gradual e as instituições mudam concomitantemente. De acordo com Gilman (1903), a principal instituição a ser transformada era o lar. Ela argumentava que o lar deveria acompanhar a evolução das outras instituições; isto é, não se tratava de destruir o lar, mas de modificar sua posição relativa na sociedade. Para Gilman, a chave do progresso social reside no desenvolvimento do indivíduo. No entanto, o lar, com suas demandas incessantes e inexoráveis, interrompe o processo de especialização nas mulheres.

Essa visão de Gilman está intimamente ligada às teorias de Lester Ward, de quem ela encontrou grande inspiração. Gilman comparava as realizações de Ward na sociologia às de Darwin na biologia, afirmando que nada mais importante para as mulheres jamais foi dado ao mundo. Ward foi um dos primeiros sociólogos a apoiar a igualdade das mulheres e a avaliar o papel do gênero na sociedade, sendo reconhecido como um dos precursores da sociologia do gênero (Finlay, 1999; Scott, 1970; Allen, 2004). Ele defendia a emancipação das mulheres das restrições que acreditava serem resultado de visões de mundo pré-Darwinianas ultrapassadas, argumentando que a maioria das diferenças sexuais humanas observadas eram decorrentes de tradições, costumes, convenções e preconceito - ou seja, das instituições⁸.

⁸ Rensing (2013) destaca que, para Gilman, as mulheres eram os agentes centrais do avanço racial, alinhando-se com a “teoria ginocêntrica” de Lester Ward, que postulava a primazia biológica e evolutiva do sexo feminino.

De acordo com Finlay (1999, p. 254), a teoria da ginecocracia é apresentada por Ward como uma alternativa à visão androcêntrica predominante em sua época. Para Ward, a mulher ocupa uma posição primária na ordem biológica, enquanto o homem é secundário. Segundo a teoria evolutiva de Ward, as fêmeas, em muitas espécies, são as principais protetoras de seus filhotes, os centros das famílias e os objetos de competição masculina, embora não necessariamente de dominação. *“Gynaecocracy, or female rule over the social group, was thus the earliest phase of human development, an inheritance from human ancestors”*.

Ward destaca principalmente a educação, na esfera pública, e as oportunidades igualitárias como soluções para a subordinação das mulheres, soluções que já começavam a sinalizar mudanças na direção de direitos iguais para as mulheres no início do século XX (Finlay, 1990). Segundo Chang (2010), com base em Ward, Gilman recorre à ficção utópica de “Terradelas” (2023 [1915]), originalmente *Herland*, para redefinir e remodelar o papel da mulher e a instituição do lar⁹. O autor argumenta que, apesar da influência socialista - também discutida por Vallet (2023) -, Gilman acredita que a chave para a independência das mulheres reside na evolução, e não na revolução. É na abordagem evolucionista reformista e na análise das sociedades de seu tempo, que Gilman (2023 [1915]) argumenta contra as instituições e o mito da inferioridade natural das mulheres.

A emancipação das mulheres começa com sua entrada no domínio público e, portanto, o progresso só é possível quando elas são libertas do seu lar androcêntrico, transformando o serviço materno em um serviço para a comunidade social. *“An economic democracy must rest on a free womanhood; and a free womanhood inevitably leads to an economic democracy”* (Gilman, 1903, sem p.). As mulheres não devem ser meras agentes consumidoras indiretas dos homens, mas agentes ativas na esfera pública econômica (Finlay, 1990).

De acordo com Chang (2010), a representação das mulheres de “Terradelas” apoia-se na sociedade ginocentrista de Ward e defende a reconstrução da natureza do lar e a reorganização da estrutura social. Nesta visão, a separação das esferas econômicas está ausente, pois não há um “ele” para representar o mercado e a esfera pública, nem uma “ela” para desempenhar seu papel tradicional na esfera privada. Gilman (2023[1915]), inverte os papéis de gênero e liberta as mulheres da esfera doméstica, oferecendo indícios do que seria uma sociedade “evoluída” baseada na transformação de três instituições chave: o trabalho doméstico, que deve ser integrado à esfera econômica pública, o avanço tecnológico e a educação.

⁹ Em Terradelas, Gilman apresenta a expedição científica em uma grande e densa floresta, via o narrador Vandyck Jennings, e seus dois companheiros, Terry O. Nicholson e Jeff Margrave. Os homens se veem encantados pelos contos e mitos das tribos dispersas, dentre essas histórias, um lugar perigoso e mortal os chamou a atenção: conhecido como Terra das Mulheres. *Terradelas* (1915) concebe uma sociedade composta inteiramente por mulheres, isoladas de qualquer outra nação. A obra questiona pressupostos da divisão de gênero e demonstra como a educação, o trabalho, a reprodução e a organização social são influenciadas numa estrutura patriarcal.

XVIII Encontro da AKB, UFPR, 2025

Na utopia delineada por Gilman (2023[1915]), as mulheres são trabalhadoras habilidosas que se auxiliam mutuamente, inclusive na maternidade, sendo independentes. A ideia de que a competição traz vantagens e estimula o trabalho é tratada com ceticismo. Segundo Chang (2010), a sociedade de cooperação laboral criada por Gilman constitui uma crítica ao sistema capitalista e às grandes corporações. Portanto, a comunidade de Gilman, caracterizada pela ausência de hierarquias, que cede espaço para a especialização profissional, é apresentada como uma alternativa à sociedade patriarcal de sua época. De forma similar, Ward defendia que a plena realização moral e intelectual das mulheres dependia do acesso ao trabalho fora do ambiente doméstico, já que o trabalho no lar não seria suficiente para promover a saúde e a felicidade das mulheres. Ao contrário, o trabalho externo estimularia suas capacidades mentais e contribuiria para seu desenvolvimento (Scott, 1970).

Ao apresentar uma sociedade guiada por indústrias altamente desenvolvidas, Gilman (2023[1915], p. 88) descreve um cenário em que a tecnologia avançada é desenvolvida por mulheres, desafiando os padrões androcêntricos vigentes que associam o progresso e a inovação tecnológica exclusivamente aos homens. Chang (2010) estabelece um paralelo entre Gilman e Veblen, argumentando que ambos veem os avanços tecnológicos como uma força motriz para a mudança nas instituições, proporcionando conhecimento à sociedade. Como observa Chang (2010, p. 329), *“Industry and practical instincts are respected and well-utilized in this country as much as Veblen would have appreciated; what is better, due to their collective consciousness Herlanders only work for the common good and only accumulate common wealth”*.

A sociedade delineada por Gilman (2023[1915], p. 88) possui tecnologia avançada desenvolvida por mulheres, desafiando os padrões androcêntricos vigentes que associam o progresso e a tecnologia aos homens. Além do progresso tecnológico, as leis dessa sociedade se alteram com frequência: *“Não temos nenhuma lei com mais de cem anos, e a maioria delas tem menos de vinte”*, o que sugere que essa sociedade se adapta continuamente às novas demandas e avanços, evitando que as instituições permaneçam obsoletas ou arcaicas.

Assim como Ward defendia que a educação, por meio de escolas públicas universais para mulheres, resultaria em maior igualdade de gênero, Gilman (2023 [1915]) também enfatiza o papel da educação como um instrumento de reforma social. Em “Terradelas”, as habitantes atribuem sua sobrevivência e prosperidade em grande parte à educação. A obra destaca o uso de livros e o ensino de diversas disciplinas, como geografia, geologia, antropologia, astronomia, fisiologia e história, revelando a importância do conhecimento para essa sociedade. Além disso, fica claro que “Terradelas” é uma civilização avançada, evidenciada pela publicação de livros e pela alta valorização da educação em todas as suas formas.

Connell (1995) destaca que a educação para Gilman é utilizada em um sentido mais amplo: ela capacita os indivíduos a se adaptar e mudar, sendo modelada segundo um paradigma evolutivo. Esse

conceito é ilustrado na obra de Gilman (2023[1915], p. 53), onde os habitantes afirmam: “*E, conforme progredíamos, elas [as mulheres de “Terradelas”] traziam cada vez mais livros*”. Todos os aspectos da vida comunitária estão interligados à educação, cujo objetivo restringir as funções da vida privada e expandir a pública. Em síntese, o ambiente público se torna extensão da primeira infância, com Gilman transformando a esfera pública tanto em uma escola quanto em um lar para os seus habitantes. Não há fronteiras nítidas entre as esferas pública e privada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Charlotte Perkins Gilman é uma figura frequentemente negligenciada na história do pensamento econômico. No entanto, talvez mais do que qualquer outra economista, ela oferece uma estrutura teórica abrangente para a inclusão do gênero na economia, proporcionando uma base sólida para entender a relação entre as concepções culturais e os papéis de gênero. Este artigo, ao lançar luz sobre Gilman como uma economista significativa, busca romper com o androcentrismo predominante na disciplina e ressaltar sua contribuição pioneira para o Institucionalismo Feminista. Gilman oferece uma crítica contundente às instituições sociais e econômicas que perpetuam a subordinação das mulheres.

O progresso para as mulheres depende de uma reestruturação das instituições, especialmente do lar, que deve evoluir em paralelo com outras instituições sociais e econômicas. O ponto central é a crítica à distinção artificial entre as esferas pública e privada, que confina as mulheres ao lar e as exclui da esfera econômica e política. Ao propor a integração do trabalho doméstico à esfera econômica pública, Gilman antecipa discussões contemporâneas sobre a valorização do trabalho não remunerado e a necessidade de políticas que promovam a igualdade de gênero.

Sua utopia delineada em “Terradelas” exemplifica uma sociedade em que as mulheres são agentes econômicos ativos, livres das restrições androcêtricas. A ênfase na educação como instrumento de reforma social e no avanço tecnológico desenvolvido por mulheres reflete sua visão de uma sociedade justa e igualitária, onde a especialização e a cooperação são valorizadas. Ao relacionar as ideias de Gilman com as teorias de Lester Ward e Thorstein Veblen, este artigo demonstra a conexão entre a crítica feminista e a economia institucionalista. A obra de Gilman, com suas críticas aos dualismos de gênero e propostas de transformação social e econômica, oferece uma perspectiva pioneira que enriquece o Institucionalismo Feminista e desafia as narrativas tradicionais da economia.

Em suma, as contribuições de Charlotte Perkins Gilman permanecem relevantes e inspiradoras, sublinhando a importância de reavaliar e incorporar vozes femininas na história do pensamento econômico. Seu legado como teórica feminista e economista “institucionalista” oferece um marco

crucial para o desenvolvimento de políticas e teorias que promovam a igualdade de gênero e a justiça social. Ao destacar a necessidade de mudanças institucionais profundas, Gilman nos convida a repensar as estruturas sociais e econômicas em busca de um futuro mais inclusivo e equitativo.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Judith A. "The Overthrow" of Gynaecocentric Culture: Charlotte Perkins Gilman and Lester Frank Ward. In: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. *Charlotte Perkins Gilman and Her Contemporaries: Literary and Intellectual Contexts*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2004.

CHANG, Li-Wen. Economics, Evolution, and Feminism in Charlotte Perkins Gilman's Utopian Fiction. *Women's Studies*, 39(4), p. 319-348, 2010.

CONNELL, Jeanne M. Revisiting the Concept of Community: An Examination of Charlotte Perkins Gilman's Utopian Vision. *Peabody Journal of Education*, 70(4), p. 19-33, 1995.

CRUEA, Susan M. Changing Ideals of Womanhood During the Nineteenth-Century Woman Movement. University Writing Program Faculty Publications, 2005. Disponível em: https://scholarworks.bgsu.edu/gsw_pub/1.

DAFLON, Verônica Toste.; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DEGLER, Carl. Charlotte Perkins Gilman on the Theory and Practice of Feminism. *American Quarterly*, 8(1), p. 21-39, 1956.

DIMAND, Mary Ann. Charlotte Perkins Gilman. In: DIMAND, Robert W.; DIMAND, Mary Ann.; FORGET, Evelyn L. (Ed) *A Biographical Dictionary of Women*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited, 2000.

DORFMAN, Joseph. *Thorstein Veblen and His América*. Clifton: Augustus M. Kelley Publishers, 1934.

DRUCILLA, Barker; KUIPER, Edith. Introduction. In: DRUCILLA, Barker; KUIPER, Edith. *Toward a Feminist Philosophy of Economics*. London: Routledge, 2003.

FINLAY, Barbara. Lester Frank Ward as a Sociologist of Gender: A New Look at His Sociological. *Gender and Society*, 13(2), p. 251-265, 1999.

GILMAN, Charlotte Perkins. *Women and Economics*. Westchester: Mint Editions, 1898 (2021).

GILMAN, Charlotte Perkins. *The Home: Its Work and Influence*. London: William Heinemann MCMIV, 1903.

GILMAN, Charlotte Perkins. *The Man-Made World; Or, Our Androcentric Culture*. Westchester: Mint Editions, 1911 (2020). Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/3015/pg3015-images.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

XVIII Encontro da AKB, UFPR, 2025

GILMAN, Charlotte Perkins. *The dress of women: a critical introduction to the symbolism and sociology of clothing*, edited with an introduction by Michael R. Hill and Mary Jo Deegan. United States: United Press. 2002 [1915].

GILMAN, Charlotte Perkins. *Terradelas*. Porto Alegre: TAG, 1915 (2023).

GILMAN, Nils. Thorstein Veblen's Neglected Feminism. *Journal of Economic Issues* , 33 (3): 689–711, 1999.

HALL, John Battaile; LUZ, Manuel Ramon de Souza. "Thorstein Veblen as Evolutionary Feminist Economist of the Progressive Era". *Journal of Economic Issues* 54(2): 413-419, 2020.

HAUSMAN, Bernice L. Sex before Gender: Charlotte Perkins Gilman and the Evolutionary Paradigm of Utopia. *Feminist Studies*, 24(3), p. 488-510, 1998.

HILL, Michael R. Introduction: Charlotte Perkins Gilman on the Sociology of Families, Marriages, and Children. In: GILMAN, CHARLOTTE PERKINS. *Families, Marriages, and Children*. New Brunswick: Transaction Publications, p. xi-xix, 2011.

JENNINGS, Ann. Public or Private? Institutional Economics and Feminism. In: FERBER, Marianne A.; NELSON, Julie. A. *Beyond Economic Man: Feminist Theory and Economics*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 111-129, 1993.

KUIPER, Edith. *A Herstory of Economics*. New York: Wiley, 2022.

LENGERMANN, Patricia M.; NIEBRUGGE, Gillian. Charlotte Perkins Gilman (1860-1935). Estructura social y género. In: LENGERMANN, Patricia M.; NIEBRUGGE, Gillian (Ed.). *Fundadoras de la Sociología y la Teoría Social 1830-1930*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, p. 187-262, 2019.

MATTHEWS, Glenna. *Just a Housewife. The Rise and Fall of Domesticity in America*. New York: Oxford University Press, 1987, pp. 35-65.

MATTHEWS, Jean V. *The rise of the New Woman: the women's movement in America, 1875-1930*. Chicago: The American Ways Series, 2003.

NELSON, Julie. Feminism and Economics. In: HAUSMAN, Daniel. *The Philosophy of Economics: An Anthology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, p. 454-475, 1994.

NILS, Gilman. "Thorstein Veblen's Neglected Feminism". *Journal of Economic Issues*, XXXIII (3): 689-711, 1999.

O'DONNELL, Margaret G. "Early Analysis of the Economics of Family Structure: Charlotte Perkins Gilman's Women and Economics". *Review of Social Economy*, LII(2): 86-95, 1994

O'DONNELL, Margaret G. "A Reply to Charlotte Perkins Gilman: Reassessing Her Significance for Feminism and Social Economics". *Review of Social Economy* L (3). 336-340, 1996.

PUJOL, Michéle. Into de Margin! In: DRUCILLA, Barker; KUIPER, Edith. *Toward a Feminist Philosophy of Economics*. London: Routledge, 2003.

RENSING, Susan. "Women waking up and Moving the mountain: the feminist eugenics of Charlotte Perkins Gilman. MP". *An Online Feminist Journal*, 4(1): 96-120, 2013.

RICHARDSON, Angelique; WILLIS, Chris. Introduction. In: RICHARDSON, Angelique; WILLIS, Chris. *The New Woman in fiction and in fact: fin-de-siècle feminisms*. New York: Palgrave Macmillan, 2001.

SCOTT, Clifford H. A naturalistic rationale for women's reform: Lester Frank Ward on the evolution of sexual relations. *The Historian*, 33(1), p. 54-67, 1970.

SHETH, Falguni, A.; PRASCH, Robert E. "Charlotte Perkins Gilman: Reassessing Her Significance for Feminism and Social Economics," *Review of Social Economy*, LIV, 3, (Fall): 323-336, 1996.

SINCLAIR, Andrew. *The Better Half: the emancipation of the American Woman*. New York: Harper & Row, 1965.

STAVEREN, Irene van. Feminist fiction and feminist Economics: Charlotte Perkins Gilman on efficiency. In: BARKER, Drucilla K.; KUIPER, E. *Toward a Feminist Philosophy of Economics*. London and New York: Routledge, 2003.

VALLET, Guillaume. Rebuilding the economy of the home - for the emergence of the "new woman": Charlotte Perkins Gilman's pionnering thoughts. *The European Journal of the History of Economic Thought*, 30(1): 62-85, 2023.

VEBLEN, Thorstein. The Economic Theory of Women's Dress. In: Mestrovic, S., *Thorstein Veblen on Culture and Society*. London: Sage Publications, 120-126, 1894 (2003).

VEBLEN, Thorstein. The Barbarian Status of Women. In: Mestrovic, S., *Thorstein Veblen on Culture and Society*. London: Sage Publications, 111-119, 1899a (2003).

VEBLEN, Thorstein. *The Theory of the Leisure Class*. New York: The Modern Library, 1899b (1934).

WADDOUPS, Jeffrey; TILMAN, Rick. Thorstein veblen and the feminism of institutional economists. *International Review of Sociology: Revue Internationale de Sociologie*, 3 (3): 182-204, 1992.

WALLER, William; JENNINGS, Ann. On the Possibility of a Feminist Economics: The Convergence of Institutional and Feminist Methodology. *Journal of Economic Issues*, 24 (2): 613-622, 1990.

WALLER, William; JENNINGS, Ann. A Feminist Institutional Reconsideration of Karl Polanyi. *Journal of Economic Issues*, 25(2): 485-497, 1991.

WALLER, William; WRENN, Mary. Feminist Institutionalism and Neoliberalism. *Feminist Economics*, 27 (3): 51-76, 2021.